

Francisco Glauber de Oliveira Paulino<sup>1</sup>  
Raquel Dias Araújo<sup>2</sup>  
Frederico Jorge Ferreira Costa<sup>3</sup>  
Jarles Lopes de Medeiros<sup>4</sup>

## The importance of the act of reading in front of obscurantism

### Resumo:

O presente artigo tem como finalidade apresentar à comunidade acadêmica uma síntese do que foi elaborado por seus construtores a partir do estudo bibliográfico de obras da área da educação variadas que são largamente utilizadas como fonte de material de consulta formativo no Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará e de mestrado e doutorado acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma instituição (PPGE-UECE). O texto em tela está dividido em dois momentos autoconstitutivos. No primeiro, perscrutamos desenvolver uma taxonomia do cenário político brasileiro nos dois primeiros anos da pandemia de Covid-19 (2020-2021). Já no segundo momento, apresentaremos aos leitores algumas elucubrações em defesa do acesso dos filhos da classe trabalhadora à literatura clássica. Este trabalho apresenta uma discussão crítica em torno da importância da leitura e da escrita na formação discente em um contexto obscurantista na educação e pandêmico durante a epidemia de Covid-19, em particular nas escolas públicas. Temos como objetivo discutir a apropriação da lectoescrita dos alunos à luz de uma perspectiva crítica. O estudo, de natureza metodológica bibliográfica, é resultado de inquietações surgidas durante a nossa atuação enquanto docentes.

**Palavras-chave:** Educação. Leitura. Obscurantismo.

### Abstract:

*This article aims to present the academic community with a synthesis of what was elaborated by its builders from the bibliographic study of works in the area of education varied in the Undergraduate Course in Pedagogy at the State University of Ceará and Master's and Academic Doctorate of the Program of Postgraduate Studies in Education at the same institution (PPGE-UECE/CAPES Concept 5). The text on screen is divided into two self-constituting moments. In the first, we scrutinized the development of a taxonomy of the Brazilian political scenario in the first two years of the Covid-19 pandemic. In the second moment, we will present to the readers some elucubrations in defense of the access of working-class children to classical literature. This work presents a critical discussion around the importance of reading and writing in student training in an obscurantist context in education and pandemic during the Covid-19 epidemic, particularly in public schools. We aim to discuss the appropriation of students' reading and writing in the light of a critical perspective. The study, of a bibliographic methodological nature, is the result of concerns that arose during our work as teachers.*

**Keywords:** Education. Reading. Obscurantism.

1 Mestrando em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Membro do Grupo de Estudos Educação Teoria e História - (GEETH/UECE); Membro do Grupo de Pesquisa Ontologia do Ser Social, História, Educação e Emancipação Humana (GPOSSHE/UECE); Membro do Instituto de Estudos e Pesquisa do Movimento Operário - (IMO/UECE). E-mail: francisco.paulino@aluno.uece.br.

2 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora adjunta do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará (CED-UECE). Membro do Grupo de Estudos Educação Teoria e História - (GEETH/UECE). E-mail: raquel.dias69@gmail.com.

3 Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor Adjunto da Faculdade de Educação de Itapipoca (FACEDI/UECE). Pesquisador e Coordenador do Grupo de Pesquisa Ontologia do Ser Social, História, Educação e Emancipação Humana (GPOSSHE/UECE), vinculado ao Instituto de Estudos e Pesquisa do Movimento Operário - (IMO/UECE). E-mail: frederico.costa@uece.br.

4 Professor Adjunto da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Licenciado em Pedagogia (UECE), em Língua Portuguesa e suas Literaturas pela Faculdade Integrada da Grande Fortaleza (FGF) e em Letras LIBRAS (EFICAZ). Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: jarles.lopes@uece.br

## 1. INTRODUÇÃO

O ensaio em tela tem como objetivo central defender a palavra escrita e o incentivo à promoção aos educandos advindos da classe trabalhadora, albergados na escola pública, o acesso à doura cultura e, anuentes a Saviani e Duarte (2021), a apropriação ativa da capacidade da leitura e da escrita enquanto ato de fruição (catarse) do gênero humano propriamente dito pelos alunos, assim como, também, em anuência com Saviani (2018), defender a democratização dos conhecimentos escolares, artísticos, filosóficos e científicos, em suas formas mais desenvolvidas, que foram produzidos e sistematizados historicamente pelo gênero humano graças ao letramento, à pesquisa, à escrita e à promoção da generidade humana em cada indivíduo singular.

Com o intento de instigar a nossa produção, mergulhamos no pensamento de autores afeitos à teoria crítica que dialogam com a educação, partindo da seguinte problematização: qual é a real necessidade do ato de ler hoje, frente a uma possível fascistização da sociedade? Com o intuito de buscar pistas e fragmentos de respostas para a nossa inquietação, iniciamos nosso processo de "imersão no problema" (FREIRE, 2000; 2014) com leitura de obras renomadas na seara da educação para averbar a nossa fala.

Esta composição vem à luz dos fatos em uma época em que todas as instituições democráticas burguesas, e em nível global, se veem ameaçadas seriamente, haja vista que a aquisição dos conhecimentos escolares está sendo sobrepujada pelo imediatismo, pelo anti-humanismo e a crueza empirista, enquanto todas as teorias clássicas da educação são golpeadas constantemente a fim de se retirar o senso crítico, político e de liberdade da classe trabalhadora, assim como também dos seus filhos, que estão em processo de escolarização (SAVIANI; DUARTE, 2021).

O texto em tela está dividido em dois momentos auto-constitutivos. No primeiro, perscrutamos desenvolver uma taxonomia do cenário político brasileiro nos dois primeiros anos da pandemia de Covid-19 (2020-2021). Já no segundo momento, apresentamos aos leitores algumas elucubrações em defesa do acesso dos filhos da classe trabalhadora à literatura clássica. Formatado basicamente em uma exposição crítica frente às posturas obscurantistas e negacionistas de nossa atual política educacional, se é que se pode chamá-la de política educacional, haja vista que uma política educacional exige racionalidade pragmática e a que nós estamos tendo que lidar, desde 2018, pelo menos, é constituída por um forte pragmatismo irracional. Conforme Freire (2014), esta forma de política venal poderia muito bem ser chamada de política necrófila, pois as forças reacionárias em nosso país estão a operar a plenos pulmões, cerceando o ingresso dos filhos do proletariado aos domínios da lectoescrita.

Ademais, buscamos apresentar a importância da apropriação da leitura e escrita na formação do gênero humano enquanto tal. Partimos de uma perspectiva crítica pautada em autores renomados na seara da educação, que a exemplo podemos trazer o nome de Paulo Freire, pois este, em particular, é um dos autores mais odiados, perseguidos e combatidos como um inimigo pessoal pelo milicianato do poder pautado na (des)política bolsonarista que esteve à frente da presidência da República de nosso país no último mandato presidencial (2018-2022).

## 2. S.O.S BRASIL: OS ATAQUES À TESSITURA SOCIAL NO CONTEXTO PANDÊMICO DA SARS-COV-2

À guisa de introdução, reproduzimos as palavras de Sigmund Freud (1856-1939) que foram habilmente recuperadas por Vladimir Safatle em livro publicado em 2021 para, já de início, deixarmos claro aos nossos leitores o fato de compreendermos que quando um indivíduo se "estilhaça" na condição de "desamparado", ele "desmorona" por conta de fissuras constitutivas que já estavam presentes em sua tessitura. Nas palavras do Pai da Psicanálise: "[...] Se atirmos ao chão um cristal, ele se parte, mas não arbitrariamente. Ele se parte, segundo suas linhas de clivagem, em pedaços cujos limites, embora fossem invisíveis, estavam determinados pela estrutura do cristal [...]" (FREUD 1999, p. 64 *apud* SAFATLE, 2021, p. 43).

Dito isso, vale informarmos aos nossos leitores que este trabalho se trata do resultado de algumas inquietações inicialmente surgidas por profissionais da educação que, durante a sua atuação enquanto docentes da educação superior e básica, atuaram em sala de aula durante toda a pandemia de covid-19 no Nordeste brasileiro. A partir de pesquisas bibliográficas, elaboramos exercícios metodológicos de observação, sob a abordagem crítica e dialética, para auxiliar na apreensão e compreensão do conteúdo programático escolar pertinente às disciplinas e à promoção dos conteúdos nucleares da escola pública durante a pandemia da SARS-CoV-2.

Antes de entrarmos propriamente no problema da educação, vale ser dito que este texto vem à lume junto a um delicado processo pós-pandêmico, obscurantista e beligerante que veio a se somar ao que o filósofo marxista húngaro István Mészáros (1930-2017) denominou como *crise estrutural do modelo sociometabólico capitalista* (MÉSZÁROS, 2011). Assim sendo, encontramos-nos de forma tanto vertiginosa quanto muito vergonhosa na saída de uma crise sanitária e, *pari passu*, a agudização da crise social e econômica, que, a propósito, já começou a deixar bem claro que, se conseguir lograr bom êxito, irá levar toda a população brasileira – inclusive a pequena classe média traída que inflou o "pato amarelo", em 2013 – a um estado de "desamparo total" (SAFATLE, 2021), sem precedentes em toda a nossa história recente.

No caso da pandemia, há pouco mais de três anos a letargia proposital, que fora seguida por um conjunto de ações deletérias que partiram do que já fora chamado diversas vezes pelos seus críticos de um "necrogoverno", pois desde seu início de mandato, em 2018, o presidente daquele período já demonstrara possuir fortes inclinações golpistas e que já era cnicamente o que poderíamos denominar, na melhor das hipóteses, como "criptofascista" ou "protofascista", ou ainda, se quisermos ser bem mais eufêmicos, como "fascista potencial", acarretou na morte, até a redação deste, de 704.159 pessoas, graças à ação conjunta entre o negacionismo científico e a política irracionalista do antigo (des)governo brasileiro.

O impacto do contexto pandêmico da Sars-Cov-2 levou um sem números dos filhos da classe trabalhadora ao que podemos chamar de condição de "aborto estatal", pois a maioria dos usuários da escola pública não recebeu do poder público os bens materiais e objetivos necessários para tal. O que eles receberam foi uma forma emergencial de auxílio social e de educação – muito capengas, na maioria dos casos, diga-se de passagem.

No tocante à educação, esta ficou popularmente conhecida como "educação remota". Que, por sua vez, segue sendo ventilada pelas políticas neoliberais e fomentadas por grandes trustes da "educação caça-níquel", como é o caso do modelo educacional defendido pelos grupos da *Cogna Educação*, da *Microsoft Corporation*, entre outros cartéis capitalistas que atuam na educação, sem levar em conta três pontos básicos que cada indivíduo deve ter para uma boa educação, que seriam: 1) a real condição material; b) a real condição psicológica; c) e a real condição emocional, em que este está inserido. E é justamente nesta condição que a clientela da escola pública esteve tendo acesso remotamente à educação há pouco mais de três anos.

O que fora sobredito poderia ser resumido como um processo de "desamparo total" (SAFATLE, 2021), que está inserido dentro de um ciclo de aprofundamento da precarização das condições de trabalho que foram tão bem descritas por Antunes (2018; 2020), em que, de um lado, encontramos em busca do seu "privilégio em servir" na era do capitalismo de plataforma e da *e-commerce* professores que estão impedidos de realizarem efetivamente o seu ofício, que, conforme Saviani (2018) e Saviani e Duarte (2021), é transmitir a cultura laureada aos alunos, e que por isso seguem na sua labuta adoecendo física, psíquica e emocionalmente em jornadas de trabalho extenuantes. Estas, que há muito tempo subsumiram a linha limítrofe que demarca o fim da jornada de trabalho e o espaço laboral do ambiente doméstico do lar (ANTUNES, 2020).

O desemprego permanente da política neoliberal que se acentuou com a crise sanitária da covid-19

contribuiu para o aumento exponencial da *gig economy* (economia de bicos) e da *uberização* do trabalho no Brasil durante o período pandêmico. Ao que tudo indica, esta situação se tornou a ponta de lança do novo modelo de trabalho desprotegido e precarizado a nível global. A massa de desempregados em nosso país, segundo Antunes (2020), até março de 2020, era de mais de 14 milhões. Se a esta somarmos os quase 6 milhões de desempregados por desalento, ultrapassamos facilmente 20 milhões de trabalhadores desamparados e jogados à própria sorte no terreno movediço do capitalismo de plataforma.

As medidas da Reforma Trabalhista – o aprofundamento da flexibilização do trabalho, as novas modalidades de contratação precária (trabalho intermitente), a regulamentação do teletrabalho, o desmonte do sindicalismo e o bloqueio de acesso à Justiça do Trabalho – sacramentaram o precário mundo do trabalho no Brasil (ANTUNES, 2020).

Assim sendo, do outro lado, encontramos também um sem números de alunos que foram abandonados à própria sorte em um terreno pantanoso pela política cadaverosa que já vinha sendo gestada desde o interregno de 2017-2018 e que, assim, não conseguiram acessar aos bens materiais mais elementares necessários à manutenção da vida e, por conseguinte, caíram em uma condição humana permanente de insegurança alimentar ou que estão obstados de acessar os conteúdos nucleares da escola remotamente, quiçá de forma plena.

O que trouxemos à lume no último parágrafo – a nosso entender – é extremamente preocupante, pois o que está se gestando desde 2013, como pudemos perceber dos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), apresentados por Campos (2020), e com mais afinco desde o interim de 2017-2018, está levando a população brasileira não só à morte do pensamento – o que por si só já seria algo inaceitável –, mas a uma das formas de morte proposital mais cruéis permitidas pelo homem até hoje, que é a morte por inanição.

Também vale ser dito que ao mesmo tempo que o Brasil volta ao mapa da fome que é historicamente traçado pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) em parceria com a Organização das Nações Unidas (ONU) o agronegócio brasileiro vem comemorando recordes de produção por tonelada 'alimentícia' nos últimos anos consecutivamente. Ou seja, ao mesmo tempo que o nosso país produz as '*commodities* de nossa base alimentar' a sua população disputa por ossos rejeitados pelos frigoríficos ou buscam no 'carro do lixo' ou em lixeiras junto a cachorros, ratos e baratas sobras ou rejeitos de alimentos que foram dispensados por supermercados por estarem vencidos ou restos de alimentos domésticos,

ou pior ainda morrem de fome por não conseguirem acessar nada para comer.

Nos últimos anos, o número de pessoas que “sobrevivem” em situação de moradia de rua em nosso país e que, por isso “sobrevivem” de forma incerta quase exclusivamente em casquilhar o lixo alheio em busca de algo para comer ou que possa ser vendido como sucata de reciclagem, só tem aumentado com a crise sanitária da Covid-19 e que fora secundada pela agudização do “desemprego crônico”. Nós, que vivemos o descaso social da década de 1980 e a “desertificação neoliberal” da década de 1990 brasileira, descritas em Antunes (2005), voltamos a ver em nosso país algo que estava fora do nosso campo de visão desde a primeira metade da década de 2000, pessoas a cozinhar alimentos de péssima qualidade e muito pouco nutritivos com carvão, lascas de paus ou com álcool em fogareiros improvisados por não terem as condições materiais para poder cozer os seus alimentos em fogão a gás.

No caso das pessoas mais jovens, isto é, aqueles nascidos após a segunda metade da década de 2000, embora ainda pudéssemos encontrar pessoas vivendo em condições subumanas em nosso país, em localidades distantes das capitais e dos municípios mais desenvolvidos, essa condição sobredita não existia em seu imaginário prático-cotidiano, pois as novas gerações conheciam esta condição social principalmente pelo cotejo de livros de história ou de geografia, documentários da época etc. As novas gerações só conseguiam imaginar pessoas esqueleticas e morrendo de fome em sua contemporaneidade bem longe do seu convívio social, pois só conseguiam conceber esta prática de descaso na África subsaariana, em alguns países asiáticos ou em países que convivem em conflitos bélicos, internos ou externos, de forma permanente.

Como pudemos depurar em Campos (2020) e Pellegrine (2021), cerca de 59% dos domicílios brasileiros, aproximadamente 125,6 milhões de pessoas, passaram a conviver com algum grau de insegurança alimentar no final de 2020 e 9% deste montante vivenciam há pouco mais de três anos a condição de insegurança alimentar grave. Ou seja, 19 milhões de brasileiros passam fome em nosso país de forma permanente desde o último trimestre de 2020. Embora os dados apresentados pelas duas jornalistas demonstrem que a condição de insegurança alimentar alcançou 50% dos lares em todas as 05 macrorregiões brasileiras, percebemos que é na Região Nordeste que esse percentual se dá de modo bem mais severo, pois nesta região a insegurança alimentar atinge diretamente a 73,1% da população.

Após esta situação se instaurar de forma permanente, e por isso mesmo muito mais nociva, em 2020 – embora a contragosto – o (des)governo mitigou os

impactos da fome em nosso país liberando o pagamento de 05 parcelas que variaram entre R\$ 600,00 (para quem mora sozinho) e R\$ 1.200,00 (para famílias chefiadas por mulheres) que se enquadrassem em um perfil determinado pelo governo federal brasileiro entre os meses de abril e agosto de 2020. Entretanto, o mesmo (des)governo – à revelia da manutenção do auxílio emergencial – ao findo do pagamento das 05 primeiras parcelas do auxílio emergencial manteve o pagamento de mais 03 parcelas em 2020, porém agora no valor de apenas R\$300,00.

Em 2021, após o governo federal suspender o pagamento do auxílio emergencial nos três primeiros meses do ano – deixando toda a população que vinha sendo atendida pelo auxílio em pleno desamparo –, uma nova rodada de concessões do auxílio começou a ser paga em abril do ano em curso, porém para um público bem mais restrito e em valores ainda mais vergonhosos. Nessa última concessão do auxílio emergencial, os valores pagos variaram de R\$ 150,00 (para quem mora sozinho) a R\$ 375,00 (para famílias chefiadas por mulheres).

Embora não seja o mote de nosso texto defender que a escola deva adotar uma postura assistencialista ou compensatória à população, tampouco defender que ela deva tentar “gerir o ingerível”, vale ser observado que a escola pública cumpriu um papel importantíssimo no combate à fome durante a pandemia de covid-19 em alguns poucos municípios brasileiros, ao distribuir kits de alimentação mensalmente a cada um de seus alunos. Afinal, não faz muito sentido a escola defender a promoção da generidade humana em cada indivíduo singular por intermédio dos conteúdos nucleares da escola se não teremos humanos vivos para tal, ou seja, garantir a base biológica do ser e, assim, manter a vida deve ser o primeiro imperativo humano. Entretanto, ao que parece, o poder público não compreende a manutenção da vida dessa maneira.

No tocante ao processo negacionista causado pelo “obscurantismo beligerante” (SAVIANI; DUARTE, 2021) do último (des)governo (2018-2022), podemos afirmar que ele vem grassando desde pelo menos o Golpe “jurídico-midiático-parlamentar” (SAVIANI, 2018) de 2016, este que, por sua vez, veio sendo gestado desde pelo menos o processo de falsificação da ira popular de 2013 e que fora intensificado ferozmente em 2018, com a eleição do (des)governo Bolsonaro. Por conta disso, em nosso entendimento, o nosso país caminha rumo ao cadafalso celeremente.

Isso posto, vale acrescentarmos a informação que dissemos acima, que, conforme Duarte (2008; 2011), Safatle (2021) e Moraes *et al.* (2003), este processo obscurantista na educação já vinha grassando há, pelo menos, 30 anos em nosso país, sendo ventilado pelo *ethos* neoliberal em toda a esfera social como

forma de disciplinamento e de gerenciamento do sofrimento psíquico humano, que é causado pelo próprio neoliberalismo e, *pari passu*, sendo imantado por algumas "pseudo-pedagogias" que possuem um certo verniz pedagógico que lhes credita de confiança por parte de alguns "professores ingênuos" (DUARTE, 2008). Assim, estas que são alimentadas pelo escorregadio *leitmotiv* do "pós-modernismo" e pelo não pouco sedutor léxico do "multiculturalismo", tornam "tudo" em "formas de narrativas válidas" no âmbito da educação e, por consequência, em formas de mistificação ideológica e de falsificação do concreto.

A título de exemplificação do quão incerto, nefasto e obscuro é o nosso futuro, basta convidarmos aos nossos leitores para que reflitam um pouco sobre os impactos do congelamento dos gastos públicos nas áreas da Saúde e da Educação por 20 anos impetrados pelo suposto Pacto de Estabilidade e Crescimento (PEC 55) em 2017, pacto este apelidado pelos seus críticos de "Emenda do fim do mundo", pelo então "governo terceirizado" de Michel Temer (PMDB) e, respectivamente, pelo duplo pacote de "contrarreformas austericidas" (BRAGA, 2017) que se abateram sobre a classe trabalhadora com as pseudorreformas trabalhistas (2017) e previdenciárias (2019), ou seja, o governo brasileiro, via a Lei 13.467/17, pôs em curso a "reforma trabalhista", e por intermédio da Emenda Constitucional 103/19 pôs nos trilhos a "reforma da previdência".

Assim, feita a nossa denúncia, agora podemos, finalmente, começar a discutir sobre o problema da educação, confrontando-o com o que dissemos até então, pois é nesse contexto tão inóspito e venal à educação que a clientela da escola pública está inserida há pouco mais de dois anos, buscando aprender a humanidade que fora construída socialmente pela generidade humana (SAVIANI; DUARTE, 2021).

### **3 MANIFESTO PELA LITERATURA: A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER OS AUTORES CLÁSSICOS FRENTE AO PROCESSO OBSCURANTISTA QUE PAIRA SOBRE A EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

Como bem explica Cândido (2017), a descoberta pelos educandos do mundo fantástico da imaginação, de fabulação e de nossa história que podem ser registrados tanto de forma oral, encarnados em monumentos históricos ou, principalmente, organizados de forma lógica pela palavra que se encarna na escrita, por meio do saber sistematizado que encontramos facilmente nos grandes clássicos da educação, é de suma importância.

Dito isso, vale introduzirmos em nosso texto o nosso entendimento do que seriam os clássicos da educação. Anuentes com o que foi defendido por Italo Calvino (1923-1985), compreendemos que um clássico da educação é todo aquele conteúdo que nunca ter-

minou de dizer tudo aquilo que tinha para dizer em "seu tempo" e que, assim, mantém atualidade com o "tempo em curso". Então, através do acesso aos clássicos da educação e do que Soares (2019) denomina como *lectoescrita* (leitura e escrita), o indivíduo pode desenvolver suas capacidades cognitivas de leitura e de compreensão crítica do mundo que lhe rodeia frente à luta de classes.

Entre tais capacidades, aprender a ler e a escrever tornam-se, de acordo com Saviani (2018) e Saviani e Duarte (2021), o ponto arquimédico de toda educação, haja vista que estas capacidades são a primeira exigência ao acesso à cultura letrada pelos educandos para que, assim, possam superar as imposições de desigualdade social impostas pela sociedade capitalista sobre suas vidas individuais e coletivas, *i. e.*, para que elas possam subsumir as desigualdades da sociedade capitalista enquanto indivíduo singular e enquanto classe.

Ademais, conforme pudemos aferir na obra de Paulo Freire (2014; 2000), a contrapelo do que era arduamente defendido pelo último (des)governo brasileiro por intermédio do seu departamento de propaganda, dos seus documentos oficiais e das suas diretrizes educacionais que tratam especificamente da educação, não podemos compreender o ato da leitura e da escrita como uma ação separada que se dá meramente de forma mecânica. Isto é, como também nos desvela Saviani (2018), não podemos encarar uma ação tão complexa, plural e multifacetada como a *lectoescrita* como coisas que não se encerram na pura e simples decodificação da linguagem escrita, mas, sim, de como um processo que se antecipa e se estende na construção científica humana de forma global ao longo de sua formação.

Freire (2011, p. 19) formulou esse processo de modo bem marcante e vivido e nos propôs o seguinte: "[...] A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade de leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente". Nesse sentido, para que possamos compreender um texto de forma crítica, é fundamental que consideremos a relação entre contexto e texto, indica o autor.

Ou seja, para se entender plenamente o primeiro deve-se compreender ao mesmo tempo o outro, assim como também não se deve realizar uma substituição entre eles, pois a relação que eles possuem entre si é dialeticamente dependente. Dito de outro modo, não se deve substituir a leitura da palavra escrita pela leitura semiótica do mundo (figuras, imagens etc.) ou vice-versa crendo que isto basta para definir uma pessoa como leitora, leitora fluente e nem muito menos considerá-la alfabetizada, pois tanto a leitura do código presente na tecnologia da palavra escrita presente nos livros, por exemplo, como a leitura se-

miótica que realizamos quando olhamos para o céu e logo sabemos se irá chover ou fazer sol, também por exemplo, são fundamentalmente necessárias e mutuamente dependentes.

Assim, podemos apresentar mais um dos muitos fatos vexatórios do último (des)governo, dada a gravidade do "iluminismo às avessas" (MORAES, 2003) em que estamos mergulhados. Em nosso atual contexto de despropósitos anticientíficos vindos do nosso último presidente da república, desde 2020 nos causa bastante indignação e espanto, pois em sua defesa acrítica e sem conteúdo a forma da leitura ideal, conforme J. M. Bolsonaro, "Os livros hoje em dia, como regra, é um amontoado... Muita coisa escrita, tem que suavizar aquilo", isto é, para ele os livros possuem muitas palavras escritas em seu estofo.

O que o ex-presidente da República do Brasil afirmou em pronunciamento oficial e que fora reproduzido em cadeia nacional pelos mais variados meios de comunicação de massa – veículos estes que o beneficiaram sobejamente na corrida presidencial, mas que hoje são muito odiados pelo mesmo – é tão grave e tão "sem pé nem cabeça" que não conseguimos deixar de imaginar o sentimento de "vergonha alheia" que a professora Isabel Solé deve ter sentido ao ouvir tamanha desfaçatez sair da boca de um chefe de Estado que, ao invés de oferecer "contraexemplos de educação", deveria estar ofertando "bons exemplos de educação", haja vista que, em acordo com outros autores que ela dileta do pensamento, sentencia Solé (1998):

[...] a leitura é o processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita. Nesta compreensão intervêm tanto o contexto, sua forma e conteúdo, como o leitor, suas expectativas e conhecimentos prévios. Para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, ideias e experiências prévias; precisamos nos envolver em um processo de previsão e inferência contínua, que se apoia na informação proporcionada pelo texto e na nossa própria bagagem, e em um processo que permita encontrar evidência ou rejeitar as previsões e inferências antes mencionadas. [...] (SOLÉ, 1998, p. 23, negritos nossos).

Ou seja, para o presidente à época em exercício, os livros necessitam de um número superior à escrita vernacular brasileira de figuras, de imagens ou de fotos em sua composição precípua, pois, para ele, que parece desconhecer o conteúdo dos livros distribuídos pelo governo federal, via o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), os livros didáticos possuem "muita coisa escrita, tem que suavizar".

Dita esta desfaçatez pelo nosso último presidente, e agora inspirados no que é defendido por Evanildo Bechara, resta-nos fazer uma pergunta: se as crianças não vão acessar a língua vernacular brasileira nos livros didáticos e, em especial, as filhas do proleta-

riado, onde elas irão encontrar este bem tão rico e precioso que é a doura linguagem e a língua escrita, em letreiros de ônibus, em latas de margarina, placas de ruas ou em *outdoors*, entre tantas outras coisas supérfluas do nosso cotidiano?

Provavelmente, não, pois, vale acrescentar, via de regra encontramos a língua vernacular mais bem trabalhada nos livros didáticos, na sala de aula ou nos livros paradidáticos albergados nas bibliotecas escolares, como por exemplo nos livros *O quinze*, de Rachel de Queiroz (1910-2003), *Sítio do Picapau Amarelo*, de Monteiro Lobato (1882-1948), no *Alienista*, de Machado de Assis (1839-1908), em *Macunaima*, de Mário de Andrade (1893-1945), entre tantos outros.

Dito isso, pensemos por um instante: o que aconteceria se os filhos da classe trabalhadora tomassem em mãos a obra *O Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas (1802-1870) ou *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus (1914-1977), e se apropriassem da mensagem principal que foi transmitida por seus autores? Diante desta primeira inflexão de pensamento, forcemos mais um pouco a nossa massa cerebral e pensemos também no que poderia acontecer se os filhos de campônios, caiçaras, ou ribeirinhos começassem a exigir para ler em suas escolas obras do quilate de *Laços de família*, de Clarice Lispector (1920-1977), *As meninas*, de Lygia Fagundes Telles (1923-2022) ou de *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes (1547-1616). Provavelmente, seria algo bem desconfortável e desconcertante, se não vexatório, para um (des)governo como o nosso último, haja vista o seu pouco apreço pela doura cultura que, via de regra, costuma grassar secundado pelo mau hábito de achincalhamento da ciência.

Logo, para "ajudarmos" o nosso talvez "mal assessorado" e "desavisado" ex-presidente em uma possível retratação futura que ele queira realizar poderíamos muito bem recorrer novamente em seu 'auxílio' a Freire (2000), pois este último nos explica que a leitura se dá basicamente em dois momentos elementares em nossas vidas. O primeiro se dá na percepção do pequeno universo social dos indivíduos, *i. e.*, na própria vida, e o segundo se dá na compreensão da leitura da palavra universal, ou seja, da palavra escrita, ideia esta que por sinal também é defendida por Bechara (2019).

Grosso modo, em anuência com Solé (1998), Freire (2000), Cândido (2017) e Soares (2019; 2020), podemos afirmar sem medo algum de vacilar que a leitura plena, fluente, e, como também é defendida por Bechara (2019), Saviani (2018) e Saviani e Duarte (2021), compreendida enquanto ato de fruição catártica do gênero humano, só se dá única e exclusivamente na passagem da simples imediatez do cotidiano individual e da crueza singular dos sujeitos aos complexos do mediado do universal e, em concomitância,

no retorno do segundo ao primeiro de forma a enriquecê-lo, ou seja, em um movimento pendular de muitas 'idas', 'vindas' e 'retornos' que se enriquecem mutuamente, ou seja, de forma dialética.

Isso posto, podemos então parafrasear Freire (2000) e afirmarmos que primeiro devemos nos arriscar em riscos menores para só depois – agora munidos de experiências práticas no âmbito do universo substantivo-concreto e do universo prático-abstrato para, assim, rompermos com o senso comum – incorreremos em riscos maiores e mais elaborados, *i. e.*, no que nos é, em certa forma ou em certa medida, desconhecido. Ainda anuentes com o autor pernambucano, percebemos que o nosso 'primeiro mundo' é o nosso próprio lar, ou seja, é onde nós desenvolvemos os primeiros traquejos de humanidade graças aos cuidados fraternos de nossos pais e mães. Este pequeno mundo pautado em nossa atividade que podemos resumi-la como 'empírico-participativa' é onde nós podemos realizar as nossas primeiras leituras, embora que ainda apenas de forma semiótica

ou contemplativa.

Logo, podemos afirmar que quanto mais experimentamos o mundo a nossa volta mais nós podemos perceber os contrastes entre o 'nosso mundo' e o 'mundo exterior'. Podemos concluir disto que quanto mais realizarmos atividades diversas no que nós poderíamos chamar de "círculos concêntricos" (FREIRE, 2000) mais ainda nós poderemos elevar de forma exponencial a nossa capacidade de apreensão do mundo social. Dito isso em Freire (2000) poderíamos dialogar agora também com Dias (2001) para esmiuçar melhor o que dissemos há pouco.

Este nosso pequeno "círculo concêntrico" (FREIRE, 2000) poderia ser descrito em três momentos que se retroalimentam cotidianamente. Vejamos como esses momentos se dão no quadro que se segue:

**Quadro 3** – Momentos constitutivos da capacidade de apreensão da língua e da fala no mundo social

MOMENTOS	ESPECIFICIDADES
1	O primeiro momento pode ser descrito pelo universo substantivo-concreto e prático, pois é formado basicamente por rudimentos básicos de linguagem (choro, arrulho, gorgolejo, balbucio, gestos, holófrase, onomatopeia e fala) e pelo contato imediato com cores, cheiros e odores, formas e texturas, sabores etc. que o indivíduo tem acesso durante a sua formação humana, principalmente em sua primeira infância (0 a 06 anos) com o convívio social e com o contato com brinquedos, alimentos, móveis domésticos etc.;
2	O segundo momento pode ser retratado por algo um pouco mais complexo que o primeiro, pois este já carrega traquejos de abstração em sua práxis, ou seja, aqui encontramos o 1º nível do universo prático-abstrato no ser. Neste, o indivíduo qualifica de forma ampliada os rudimentos elementares da fala já mencionados e passa a mediar os seus sentimentos e suas vontades com outras pessoas, principalmente com os seus parentes de 1º grau graças ao convívio mais próximo (pai e mãe, irmãos, primos e avós);
3	O terceiro e último momento pode ser representado pela interação que se dá no 2º nível do universo prático-abstrato em um grau bem mais complexo que os dois primeiros, pois aqui nós podemos encontrar uma sofisticação no traquejo da fala e na mediação dos conflitos de interesses singulares com as pessoas de fora do seu seio familiar. Este é desenvolvido pelo indivíduo diariamente em contato com o mundo social que lhe rodeia principalmente durante a sua 2ª infância (06-10 anos) com os seus vizinhos, colegas da rua ou da escola, o "bodegueiro", os professores etc.

Fonte: Autores (2023). Adaptado de Ana Iório Dias (2001) e Paulo Freire (2000).

Assim sendo, podemos compreender que a partir de encontros esporádicos destes "círculos concêntricos" (FREIRE, 2000) – onde os círculos menores se chocam com os círculos maiores – o nosso mundo ime-

diato passa a incorporar a uma linguagem, gostos, crenças e um conjunto de valores já elaborados e decantados pelas gerações passadas. Dentro deste processo contraditório e dialético o nosso pequeno mundo se liga a contextos muito mais amplos que inicialmente o era e de cujo valor e significância a nossa mente – em formação – se quer podia suspeitar de sua existência.

Logo, nos fica bem evidente que para os filhos da classe trabalhadora, como bem disse Saviani (2018) e Saviani e Duarte (2021), a escola é o local por excelência em que os filhos do proletariado irão finalmente poder acessar o domínio da douta cultura e, assim, da leitura e da escrita para que possam com o domínio da “arte dos dominadores” (SAVIANI e DUARTE, 2012) romperem com o ciclo de opressão e com o hiato entre as duas classes elementares – classe proletária e classe burguesa –, ou seja, para que possam eliminar o abismo que existe entre a classe que dispõe simplesmente da venda de sua força de trabalho para sobreviver e a classe que por deter para si os meios de produção vive de vampirizar a primeira.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, lembramos aos leitores que fora neste contexto, onde o mundo parece caminhar a passos largos para a barbárie total e onde a educação parece ter entrado em uma tempestade similar à que o nobre V. Andrèitch e o mujique Nikita entraram na ficção *Senhores e servos*, de Leon Tolstói (1828-1910), ou na jornada errante rumo à terra de Nod, em que Cain entrou na trama ficcional de José Saramago (1922-2010).

Foi neste contexto tempestivo e sombrio em que o nosso (des)governo, já claramente “sem máscara alguma”, flanou de forma bem despreocupada com os seus acólitos, diga-se de passagem, também fascistas, pois ele já não sentia mais a necessidade de escamotear a sua sede golpista por morte e miséria de seus inimigos, insiste em intensificar a reprodução ampliada da desinformação obscurantista anticientífica e a “falsificação da ira popular” iniciadas há muitos anos e que se intensificaram em nosso país em 2013.

Dito isso, temos a clareza que a defesa da promoção da educação e do acesso à cultura letrada pelos filhos da classe trabalhadora deve ser defendida com todo o nosso compromisso político e toda forma de expressão reacionária e contrária a isto deve ser obstada e combatida com todo o arroubo científico que dispomos.

Em nossa compreensão, precisamos tomar muito cuidado com a pouca luz que está sendo produzida por estes movimentos negacionistas e fanáticos religiosos que se espriam feito miasmas cancerígenos

em nosso país, sendo alimentados constantemente com o mais refinado, despótico e autofágico ódio de classe, que, por sua vez, vem secundado por um sem número de tipos de neuroses paranoicas e delirantes de desinformação.

Estes movimentos que estão sendo manipulados por exímios arrivistas da retórica que se aproveitam da fragilidade e da religiosidade da fé popular para mistificar a realidade para as massas inculcam nestas muitas mentes e corações que “sobrevivem” tão desesperados com o desamparo social uma alienação tão profunda, mesquinha, odiosa e perigosa que estes acólitos do fascismo, assim como os famosos *ka-mikazes* japoneses fizeram no final da Segunda Guerra (1939-1945), embarcam em uma missão paranoica “sem volta”, em uma espécie de “guerra santa”, em que, com efeito, acabam por ignorar as lições históricas mais importantes que os movimentos fascistas e totalitários nos deixaram de suas aplicações práticas na tessitura social.

Dito isso, é de se salutar aqui que a melhor lição que podemos tirar das experiências fascistas e totalitárias para servir de alerta para aqueles que estão completamente alinhados à necropolítica de nosso (des)governo é o fato de que na Alemanha de A. Hitler (1943-1945), na Itália de B. Mussolini (1925-1943), em Portugal de A. Salazar (1933-1974), na Espanha de F. Franco (1939-1975), no Chile de A. Pinochet (1973-1990) ou mesmo durante os regimes autoritários e antidemocráticos das nossas próprias experiências ocorridas durante a Ditadura do Estado Novo (1937-1945) ou da nossa Ditadura empresarial-militar brasileira (1964-1985), que seria a de que ao final de tudo, quando os poderosos alcançam o seu real objetivo egoísta, assim como fez o deus Saturno na mitologia grega, o ódio costuma devorar os seus próprios filhos.

Contudo, em anuência com os autores trazidos até aqui por nós, concluímos o nosso texto certos de que precisamos tomar muito cuidado com esta “pseudoluz” que é emitida pelo “farol do fascismo” em nosso tempo, pois, este ao invés de guiar os navegantes para uma rota segura, muito pelo contrário, os leva de encontro direto as pedras e a ‘lanterna dos afogados’. O que até aqui chamamos de “pseudoluz”, se trata de uma ‘luz falsa’ muito perigosa, pois esta se trata de algo muito mais tomado pelas sombras a que supostamente se propõe a iluminar do que pela capacidade de aclarar realmente algo.

Ou seja, esta “pseudoluz” anticientífica, obscurantista, revisionista e mistificadora em que estamos inseridos dentro da agudização da crise estrutural e autofágica do capitalismo despótico hipermistifica a concretude do real onde, com efeito, mantém as mentes e os corações imantados em uma espécie de credo religioso que defende algo que, parafraseando a bíblia



cristã, poderíamos definir como 'tudo posso naquilo que não me fortalece'.

Por fim, por se tratar de palavras que circunscrevem tão bem a nossa atual necessidade, reproduziremos a exortação feita por Antônio Gramsci (1891-1937) ao lutar contra o fascismo italiano e que foram recuperadas por Saviani (2012, p. 11) quando o autor sardo nos disse o seguinte: "instruí-vos, porque teremos necessidade de toda a nossa inteligência. Agitai-vos, porque teremos necessidade de todo o nosso entusiasmo. Organizai-vos, porque teremos necessidade de toda a nossa força".

## REFERÊNCIAS

---

- ANTUNES, Ricardo. **A desertificação neoliberal no Brasil (Collor, FHC e Lula)**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- ANTUNES, Ricardo. **Corona vírus [recurso eletrônico]: o trabalho sob fogo cruzado** / Ricardo Antunes. São Paulo: Boitempo, 2020.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 39ª. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BRAGA, Ruy. **A rebeldia do precariado: trabalho e neoliberalismo no Sul global**. São Paulo: Boitempo, 2017.
- CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CÂNDIDO, Antonio. **Na sala de aula: cadernos de análise literária**. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.
- DIAS, Ana Iório. **Ensino da linguagem no currículo**. Fortaleza, CE: Brasil Tropical, 2001.
- DUARTE, Newton. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?: quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação**. Campinas-SP, Autores Associados, 2008.
- DUARTE, Newton. **Vigotski e o "aprender a aprender": crítica às apropriações pós-modernas da teoria vigot-skiana**. 5ª. ed. ver. Campinas-SP, Autores Associados, 2011.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 40ª. ed. São Paulo: Cortez, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 56ª. ed. ver. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- MÉSZÁROS, István. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. Tradução de Paulo Cesar Castanheira e Sérgio Lessa. 1ª. ed. revista. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MORAIS, Maria Célia Marcondes de. **Iluminismo às avessas: produção de conhecimento e políticas de formação docente**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- SAFATLE, Vladimir. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In: SAFATLE, Vladimir; JUNIOR, Nelson da Silva; DUNKER, Cristian. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 43ª. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2018.
- SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.
- SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton. **Conhecimento escolar e luta de classes: a pedagogia histórico crítica contra a barbárie**. Campinas, SP: Autores Associados, 2021.
- SOARES, Magda. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2019.
- SOARES Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3ª. ed. 6ª. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Tradução de Claudia Schilling. Revisão técnica de Maria da Graça Souza Horn. 6ª. ed. Porto Alegre: Penso, 1998.